



Filha de Kibtaysh

A princesa selvagem

Dani Katrin





Para Alice, Isa e Kat.
Amo vocês, obrigada por serem o combustível para minha
imaginacao.





Prologo

O reino de Kibtaysh não é o maior de todos. Com uma imensa capital, e pequenos vilarejos cuspidos ao redor, ele é no máximo médio. Mas somos felizes, e nossas riquezas podem ser consideradas mais que suficientes para os sete filhos do rei. Sim, seis filhos e uma filha. Muitas governantas tentaram assumir a bronca, as vezes mais de uma de uma vez, mas no fim, nossa mãe teve que abdicar de algumas coisas de rainha para poder cuidar de todas as suas crias. Quase todas.

Quando eu tinha seis anos, minha mãe foi assassinada por um homem de um grupo terrorista que conseguiu se infiltrar em nosso castelo. Eu estava com ela e com meu irmão gêmeo Kai quando aconteceu. Lembro-me de ter meu pequeno corpo puxado por um guarda enquanto outros dois avançavam para o serviçal que havia enterrado uma adaga no coração da minha mãe. Não que importasse muito, porque o homem já havia tomado algum tipo de veneno para não ter informações roubadas por meio de tortura. Nunca me esquecerei daquela adaga.

Mas apesar desse pequeno incidente, Kibtaysh é muito pacífico. Não existem fanáticos pela família real como em Rithan ou mercenários como em Bulhart. Nosso reino é lindo e verde, as pessoas sorriem o dia inteiro, com trabalhos honestos e vidas boas. E meu pai se orgulha da paz que conseguiu manter durante tantos anos. Tento aprender o máximo que posso com ele, afinal, apesar de ser a filha mais nova de todos os meus seis



irmãos, as leis de Kibtaysh são bem diferentes em relação ao herdeiro que ocupa o trono. Aqui em Kibtaysh é costume os reis terem muitos herdeiros, e quando o rei fica doente, morre, ou simplesmente decide renunciar, os herdeiros que quiserem participam de competições e campanhas para ganhar o coração do povo e o trono.

Ser a filha caçula e ainda mulher não são impedimentos para a coroa, não aqui em Kibtaysh. Afinal, nosso reino tem esse nome por conta de nossa primeira rainha (isso mesmo, rainha), mãe solteira que governou lindamente a séculos atrás. No salão de autorretratos do castelo, existe um quadro impecável da linda rainha justa. Meu pai diz que me pareço com ela. Mas a verdade é que todos os retratos daquela sala parecem iguais: rostos sérios e concentrados de pessoas que possuem cabelo cor de fogo. Não só a cor, as pessoas em nossa linhagem podem produzir fogo. Fazer chamas, ou provocar explosões. De todos os meus irmãos, Arlo é o mais forte, capaz de explodir o castelo em chamas. Ironicamente, é o pior candidato para o trono, por causa de sua falta de inteligência. Para ser sincera... tenho em lista os maiores motivos pelos quais cada um de meus irmãos é indigno para o trono. Alexander é o mais velho, apesar de muito centrado, não entende de empatia, Zander é gêmeo de Alex, mas está mais preocupado com a quantidade de mulheres que vai conseguir dormir do que com a economia do reino. Vladmir só quer o trono por ganhar de brinde um auto retrato seu, prefere se olhar no espelho do que acenar para multidões esperando discursos. Arlo é cabeça-oca, Owen é tão bobo apaixonado que a primeira inimiga que oferecer seu coração em troca de nosso reino terá sucesso, e Kai... Kai é provavelmente o



único de nós que daria um bom rei. Seguindo meus concelhos,
claro.



Primeira parte

*A filha de
Kibtaysh*



Um

O castelo parecia uma loucura. Criados corriam de um lado para o outro, carregando tecidos, bugigangas e temperos exóticos. Nosso pai havia adiado todas as reuniões do dia, para passar a manhã conversando com um cerimonialista e decorador. Tudo isso para o aniversário de Vlad. Ele era o único de nós que fazia questão de uma festa extravagante, dizia que merecia já que tivera a sorte de nascer em uma estação do ano tão linda: o outono. Era quase impossível dormir até mais tarde com o barulho da movimentação dos servos pelo palácio perto da data de seu aniversário. Não que madame Caramantha me deixasse dormir até muito tarde. O relógio mal marcava oito horas e a governanta já estava à minha porta, socando freneticamente, e dizendo o quanto eu estava atrasada. Então mais um dia começava, café da manhã calculado e balanceado, treino de combate logo depois, aula de diplomacia e regência, almoço, treino com poderes e biblioteca. A última parte, claro, eu nunca cheguei a fazer. Sempre usei meu tempo de biblioteca para fugir das garras de Caramantha, para correr pelas ruas da capital e falar com os moradores. Eu tinha alguns amigos na cidade, costumava jogar pedras no lago com Ravi, caçar com Barduc e seguir Isla, minha única amiga mulher.

Era divertido fugir um pouco dos muros altos do castelo, mas só durava até o jantar, onde me reunia com meus seis irmãos e meu pai para jantar. E a corte, é claro, mas a única mesa no



salão que emitia ruídos de conversas era a nossa, então era como se nobres não existissem durante o jantar.

— Onde está com a cabeça ruiva hoje?

Caramantha não pode me ver tropeçar três vezes seguidas que já grita comigo. Sinceramente, que mal tem uma princesa distraída?

— Não seja tão dura com ela, madame.

Disse Kai, com aquele meio sorriso que eu conhecia bem. Franzi o cenho para ele. Madame. A velha enrugada a nossa frente poderia se passar mais facilmente por um pato do que por uma madame.

— Ah vossa Alteza, perdão... é que o senhor é tão diferente que eu...

A mulher não terminou. Claro que Kai era perfeito, como eu disse, o melhor possível rei da linhagem. Todos no reino o amavam. Seus sorrisos e piscadelas, sua voz que fazia até as pedras tremerem. Sem dúvida, já estava claro quem nos governaria a seguir.

— Bom, tenho muito o que fazer!

Eu disse me esquivando do aperto da mão da velha e do olhar do meu irmão intrigado. Corri até os aposentos de Zander, onde eu sabia que não me achariam, e que ele também não